



SARAU DA CIDADANIA: **uma experiência de teatro popular** **com a população em situação de** **rua do Projeto Levanta-te e Anda**

JANETE SILVA DE BRITO

Poeta, mulher negra e assistente social formada pela Universidade Católica do Salvador e integrante do Grupo de Arte Popular A Pombagem e do Movimento de Teatro de Rua da Bahia MTR-Ba.

FABRICIO SILVA DE BRITO

Poeta, bacharel em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia, mestrando em Cultura e Sociedade pela mesma universidade, idealizador do Grupo de Arte Popular A Pombagem e coordenador do Movimento de Teatro de Rua da Bahia MTR-Ba.

MANUELA DE OLIVEIRA SANTOS RIBEIRO

Poeta, museóloga formada pela Universidade Federal da Bahia, especialista em Arte-Educação pela mesma universidade, mestranda em Museologia pela mesma universidade, integrante do Grupo de Arte Popular A Pombagem e do Movimento de Teatro de Rua da Bahia MTR-Ba.

RESUMO

O presente artigo tem como base a experiência de teatro popular com a população em situação de rua do Projeto *Levanta-te e Anda*. Além dessa experiência, consideraremos a atuação do *Grupo de Arte Popular A Pombagem* em locais de concentração de indivíduos em vulnerabilidade social da cidade do Salvador. Inspirado no método de Augusto Boal, o *Sarau da Cidadania* fora uma ação cultural composta por oficinas de confecção de máscaras e Teatro-Fórum. Assim, pretende-se refletir sobre como o teatro popular (do oprimido e de rua) pode contribuir para o exercício da cidadania através de suas estratégias lúdico-pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE:

Sarau.

Cidadania.

Teatro popular.

População.

Situação de rua.

ABSTRACT

The present article is based on the popular theater experience with the street population of Project Get Up and Walks. In addition to this experience, we will consider the performance of the Group of Popular Art The Pombagem in places of concentration of individuals in social vulnerability of the city of Salvador. Inspired by the method of Augusto Boal, the Soiree of Citizenship was a cultural action composed by masks and theater-forum workshops. Thus, it is intended to reflect on how the popular theater (of the oppressed and the street) can contribute to the exercise of citizenship through its ludic-pedagogical strategies.

KEYWORDS:

Soiree.

Citizenship.

Popular theater.

Population.

Street situation.



INTRODUÇÃO



Este artigo inscreve-se na interface entre Teatro e Serviço Social, e tem como base a experiência de teatro popular com a população em situação de rua do *Projeto Levanta-te e Anda*. Além dessa experiência, consideraremos a atuação do *Grupo de Arte Popular A Pombagem* em locais de concentração de indivíduos em vulnerabilidade social da cidade do Salvador. Inspirado no método de Augusto Boal, o Sarau da Cidadania fora uma ação cultural composta por oficinas de confecção de máscaras e Teatro-Fórum. Pretende-se então refletir sobre como o teatro popular (do oprimido e de rua) pode contribuir para o exercício da cidadania através de suas estratégias lúdico-pedagógicas.

Ligado à Igreja Católica em sua vertente mais social, o Projeto Levanta-te e Anda é uma das bases da ASA – Ação Social Arquidiocesana. Localizada no bairro de Água de Meninos, entre o Pilar e a Feira de São Joaquim, a instituição constitui um lugar de práticas de ação social em que é perceptível o empenho de parceiros, profissionais e apoiadores de diversas áreas. Ali encontramos profissionais de Serviço Social, Psicologia, Arte-educação, além de estagiários, funcionários e pesquisadores de universidades públicas e privadas. Outrossim, o Projeto Levanta-te e Anda atende a uma demanda que vem crescendo absurdamente, principalmente devido à emergência de mudanças sócio-político-econômicas características da conjuntura de crise do capitalismo.

Sobre o funcionamento do Projeto Levanta-te e Anda, pode-se constatar o quão importantes são as atividades desenvolvidas em consonância com os valores, missão e objetivos da instituição ASA. São atividades desenvolvidas multidisciplinarmente pelos profissionais do Projeto, os quais buscam, através das várias estratégias e metodologias, provocar o protagonismo nos indivíduos ali acolhidos. Reconhece-se então os indivíduos em situação de rua enquanto sujeitos que podem transformar a sua própria realidade. Disso resultam as ferramentas lúdico-pedagógicas de viés crítico, isto é, depreende-se daí uma abordagem metodológica alicerçada no materialismo histórico e na perspectiva crítico-dialética da pedagogia e teatro do oprimido.

Com efeito, a metodologia aqui adotada deve ser compreendida à luz da “filosofia da natureza; lógica do pensamento aplicada à compreensão do processo histórico das mudanças e dos conflitos sociais; e como método de investigação da realidade” (GIL, 1989, p.31). De acordo com esta



metodologia, “para conhecer realmente um objeto é preciso estudá-lo em todos os seus aspectos, em todas as suas relações e todas as suas conexões. Fica claro também que a dialética é contrária a todo conhecimento rígido. Tudo é visto em constante mudança” (GIL, 1989, p. 32).

Em relação ao acolhimento das pessoas em situação de rua, as mesmas são acolhidas para participarem ativamente das ações realizadas no Projeto Levanta-te e Anda e, além disso, demonstram geralmente grande desempenho e interesse nas atividades que se propõem a fazer. Muitas vezes são trabalhos em grupo, cuja finalidade é promover e estimular habilidades, resgatar a autoestima e dignidade das pessoas humanas ali imbricadas. Em resumo, os indivíduos em situação de rua acolhidos pelo Projeto Levanta-te e Anda participam de oficinas de artesanato, música e poesia, aulas de alfabetização e de idiomas, palestras sobre autocuidado e, o que é central neste texto, oficina de confecção de máscaras para teatro popular de rua.

Nas ações de arte-educação, os profissionais envolvidos no Projeto têm a oportunidade de rever, reavaliar, requalificar, renovar e experimentar novas estratégias pedagógicas, aqui concebidas como partes integrantes de um processo artístico e educativo. Assim, uma maior ampliação da capacidade criadora e crítica dos acolhidos é possibilitada por meio das oficinas poético-ludo-pedagógicas¹. Com as reflexões promovidas por tais oficinas, o Projeto acaba por construir na população em situação de rua um espírito reflexivo e crítico, assim os acolhidos se tornam agentes de mudança social.

Sendo uma prática voltada para um projeto ético-político, o Serviço Social busca dialogar com as mais diversas frentes de enfrentamento do sistema capitalista, isto é, trata-se de uma profissão que tem como parceiros os movimentos sociais. A natureza revolucionária desta profissão, bem como sua relação com a sociedade civil organizada, é marcada pela perspectiva crítica e dialética, ou seja, o profissional denominado assistente social é, hoje em dia, um ser humano comprometido com a transformação da realidade social, com a modificação da estrutura, com a superação do capitalismo.

A relação entre o Serviço Social e os movimentos sociais, culturais e políticos enseja uma formação interdisciplinar de assistentes sociais, muitos dos quais são poetas, atores, músicos e/ou artistas populares. Assim artistas se apropriam da perspectiva crítica para fazer arte (shows, recitais, espetáculos, exposições, etc) e superar o estabelecido. Como exemplo, o Grupo A Pombagem



¹ A expressão “poético-ludo-pedagógico” foi retirada do livro intitulado Arte e Cidadania: o processo poético-ludo-pedagógico com os bonecos de luva na escola (2007), de Diva Luiz da Silva. E trata de processos desenvolvidas em oficinas de arte-educação.



CAD.
GIPE
CIT
Salvador
ano 22
n 40
p 183-199
2018.1

é um coletivo que atua com espetáculos de teatro de rua para a população em situação de rua. Sem dúvidas, trata-se de uma trupe que pensa na arte como ferramenta de transformação social, tanto é que seus integrantes, na esteira do pensamento de Augusto Boal, consideram o teatro um ensaio para a revolução.



1
8
7

PROJETO LEVANTA-TE E ANDA E POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

O Projeto Levanta-te e Anda está vinculado à Ação Social Arquidiocesana de Salvador – ASA, entidade civil voltada para a promoção humana das populações pobres. Desde os anos 80 as diversas pastorais sociais da Arquidiocese começaram a se estruturar para atender à demanda da população dentro da área de abrangência da cidade do Salvador. Mas foi em janeiro de 2001 que foi criada a ASA, dando estrutura jurídica para as diversas ações das pastorais e possibilitando uma melhor atuação e articulação. A partir daí houve um significativo aumento na captação de recursos e manutenção da estrutura com verbas próprias, também havendo a participação da instituição nos diversos conselhos municipais e estaduais e a oferta de formação para as diversas áreas de atuação.

Com funcionamento nos turnos matutino e vespertino, das 8 horas às 17 horas, o Projeto Levanta-te e Anda recebe seu público: a população em situação de rua. São homens e mulheres, acima dos dezoito anos e residentes na cidade do Salvador, excluídos e invisibilizados socialmente. Várias atividades são realizadas no Projeto e uma delas é a oficina de artesanato com materiais descartáveis, como forma de qualificação profissional. Além do artesanato, são também oferecidas ações de alfabetização, construção de senso crítico através de roda de conversa, acesso à cidadania a



partir da feitura dos seus documentos pessoais, acesso à alimentação, higiene, lazer, atendimento médico, psicológico e também atividades que ensejam a interação social.

Contando com o apoio de instituições parceiras e tendo como um dos principais pilares o resgate da dignidade humana, o Projeto Levanta-te e Anda é um centro de convivência que estimula os acolhidos, a partir de oficinas de qualificação e também de práticas socioeducativas, a serem sujeitos e protagonistas da sua própria história. A massiva população que ocupa os grandes centros urbanos está à mercê de diversas problemáticas sociais como, por exemplo, a violência, a pobreza, a falta de moradia, a fome, os problemas de saúde, dentre outros. É de máxima importância que estratégias duradouras e permanentes sejam criadas para que a população em situação de rua tenha verdadeira chance de ressocialização, a fim de se reestruturarem socioeconomicamente e possuírem definitiva condição de se manterem dignamente e não mais ocuparem um lugar à margem da sociedade, ou seja, em situação de exclusão e segregação.

Diante desses fatores adversos, percebe-se que esses indivíduos se encontram em estado de vulnerabilidade e exclusão social. É perceptível que a população em situação de rua não acessa o mínimo existencial que deveria ser provido pelo Estado para todo e qualquer cidadão. De fato, é obrigação do Estado oportunizar o mínimo social aos cidadãos, para que possam gozar de uma dignidade existencial. Por serem vistos como uma população socialmente marginalizada, a população em situação de rua está inserida na economia informal, já que a maioria deles não tem oportunidade de trabalhar de carteira assinada e com todos os direitos trabalhistas assegurados, por conta do estigma social que recai sobre eles.

Tendo em vista as diversas formas de segregação vividas cotidianamente pela população em situação de rua, podemos perceber que a dificuldade de utilização dos serviços públicos se dá pelo estigma social que lhes é atribuído, e por decorrência disso existem os imensos obstáculos que os impedem de deixar as ruas. Grande parte da população em situação de rua não está inserida em nenhum programa de benefício do governo, sendo assim, não recebe nenhum auxílio financeiro.

Tendo como base os dados do Guia de Atuação Ministerial, no tocante ao perfil da população em situação de rua no Brasil, constata-se também que o maior contingente populacional imerso nesse contexto é formado por homens negros semianalfabetos. Essa mesma realidade é refletida





CAD.
GIPE
CIT

Salvador
ano 22
n 40
p 183-199
2018.1



1
8
9

do Projeto Levanta-te e Anda, onde a quantidade mais expressiva dos acolhidos é também representada pelo mesmo perfil entre dezoito e sessenta anos. Em seguida, o perfil dos acolhidos é formado por mulheres negras semianalfabetas com idade entre dezoito e sessenta anos.

As mulheres mais jovens que procuram o Projeto Levanta-te e Anda já passaram por alguma situação de exploração ou violência sexual dentro do próprio seio familiar e relatam que esse foi um dos principais motivos que as levaram para a situação de vulnerabilidade nas ruas. Em relação aos homens mais jovens é importante salientar que boa parte dos que frequentam o projeto são homossexuais e eles disseram que saíram de casa porque a família não aceita a opção sexual deles e em alguns casos até passaram por situações de opressão dentro da própria família.

Dentre os indivíduos mais jovens do Projeto Levanta-te e Anda, a maior parte deles tem envolvimento com álcool, drogas ilícitas, e eles disseram que esse foi um dos principais motivos para estarem em situação de rua, pois os familiares os expulsaram de casa por conta do vício e dos outros riscos que envolvem uma pessoa que faz uso abusivo de substâncias psicoativas. A partir de conversas com os acolhidos do Projeto Levanta-te e Anda foi observado que muitos deles têm contato com suas famílias, porém a maioria revelou que uma das principais motivações para que continuem em situação de rua é porque têm uma convivência complicada com seus parentes e na rua se sentem mais livres. Na vivência com a população em situação de rua do Projeto Levanta-te e Anda foi possível perceber que o perfil encontrado no Projeto reflete o perfil da população em situação de rua do Brasil.

A população em situação de rua é a expressão mais radical da Questão Social. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Brasil tem mais de 100 mil pessoas em situação de rua. O texto publicado no site, referindo-se ao ano de 2015, denota os seguintes dados estatísticos: das 101.854 pessoas em situação de rua, 40,1% estavam em municípios com mais de 900 mil habitantes e 77,02% habitavam municípios com mais de 100 mil pessoas. Já nos municípios menores, com até 10 mil habitantes, a porcentagem era bem menor: apenas 6,63%.

Este fenômeno tem se agravado bastante nas últimas décadas, seja por causa da conjuntura de crise do capitalismo ou devido à negligência do Estado em efetivar políticas públicas específicas para esse segmento marginalizado da sociedade. O que se vê, na maioria dos casos, é a existência de programas que fazem um trabalho paliativo e temporário, mas que não se aprofundam por



falta de políticas públicas efetivas, ou seja, programas não chegam à raiz do problema porque não desenvolvem projetos continuados. Neste sentido, as políticas públicas tornam-se um terreno fértil para discussões e reflexões acerca dos aspectos diversos que se cruzam e atravessam essa radical expressão da Questão Social.

TEATRO POPULAR (DO OPRIMIDO E DE RUA) E QUESTÃO SOCIAL

Este subtítulo é inspirado em um texto de Augusto Boal. O texto é denominado *Uma experiência de teatro popular no Peru* e aparece como tópico de título *Poética do Oprimido*, da obra *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Em relação à experiência de teatro popular de rua, podemos facilmente enxergar o quanto que esta se afina com aquela experiência do Peru. Tanto é verdade que podemos até encontrar a chave metodológica (método do oprimido) com a qual tanto um projeto² quanto o outro operaram em suas empreitadas. Aqui, entretanto, a experiência é com a população em situação de rua e esta – que é a expressão mais radical da Questão Social – será analisada na interface entre o Teatro Popular e o Serviço Social.

Pensar o fenômeno da população em situação de rua à luz do Serviço Social é vislumbrar o que este pode dizer sobre aquele, é pensar de que maneira o assistente social atua ou pode atuar diante desse problema. A leitura que fazemos da situação em que se encontram as pessoas em situação de rua possui um caráter histórico-crítico e dialético, portanto este fenômeno social é pensado como consequência estrutural da crise do capitalismo, bem como da ausência de empregos e da falta de políticas públicas para as pessoas em vulnerabilidade social.

2 O projeto do qual participou Augusto Boal é, na verdade, o Programa de Alfabetização Integral (ALFIN), cuja experiência mostrou que o potencial comunicacional vai além das linguagens idiomáticas. Ou seja, a linguagem artística pode ir além e provocar grandes avanços. Os nativos da região que recebeu o programa não sabiam ler “direito” nem falar “corretamente”, mas a fotografia e o teatro foram profícuos no sentido abrir os horizontes de percepção daquelas pessoas. Assim também ocorreu no Projeto Levanta-te e Anda. Vejamos mais a esse respeito no tópico intitulado Sarau da Cidadania: conceito e método de aplicação





Segundo Maria Lucia Lopes da Silva (SILVA, 2009), o fenômeno da população em situação de rua deve ser entendido à luz de categorias como trabalho e pobreza, em um diálogo direto com a tradição marxista. Sendo “apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades sociais da sociedade capitalista madura” (IAMAMOTO, 2005, p.27), a Questão Social tem como sua radical expressão o fenômeno da população em situação de rua, isto é, a rua é o lugar onde se encontram e vivem os indivíduos em situação de maior vulnerabilidade social, emocional e psicológica.

Com o advento da Indústria na Europa, muitos camponeses foram expulsos de suas terras com as quais obtinham seu ganha-pão. A indústria que nascia não absorveu esse contingente de trabalhadores, transformando-os por conta do pauperismo em mendigos, ladrões e vagabundos (MARX, 1988). A população em situação de rua é, utilizando-se da concepção marxiana de pauperismo, uma consequência da superpopulação relativa ou exército industrial de reserva, configurando como uma expressão associada ao acúmulo do capital, às desigualdades sociais e, sobretudo, à pobreza.

Segundo Marx (1988), o pauperismo é:

[...] o asilo dos inválidos do exército ativo dos trabalhadores e o peso morto do exército industrial de reserva. Sua produção e sua necessidade se compreendem na produção e na necessidade da superpopulação relativa, e ambos constituem condição de existência da produção capitalista e do desenvolvimento da riqueza. (MARX, 1988, p.747)

Se tomarmos como base os avanços sociais e políticos característicos do final da década de 80 no Brasil, talvez consideremos o nosso país uma nação marcada pela cidadania e pelos direitos sociais. Todavia, isso apenas é verificado nos dispositivos frios da lei maior chamada Constituição Federal de 1988. Ao examinar a Constituição, em seu TÍTULO II – Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, vemos que

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade;



LXXI - conceder-se-á mandado de injunção sempre que a falta de norma regulamentadora torne inviável o exercício dos direitos e liberdades constitucionais e das prerrogativas inerentes à nacionalidade, à soberania e à cidadania; LXXVII - são gratuitas as ações de “habeas-corpus” e “habeas-data”, e, na forma da lei, os atos necessários ao exercício da cidadania. (C.F., Art. 5º)

Embora a cidadania seja um dos princípios fundamentais garantidos na Constituição de 1988, tais dispositivos notadamente voltados para as questões sociais não se materializam na realidade cotidiana brasileira. Ao contrário, percebe-se o aumento do número de indivíduos em situação de rua: são pessoas paupérrimas, social e economicamente vulneráveis, além de desprovidas de condições mínimas de se manter em sociedade. Este pauperismo tem crescido bastante nas grandes cidades e a única forma de superar esse quadro de pobreza é compreendendo o capitalismo como fator desencadeador desse problema.

Nas palavras de Maria Lucia Lopes da Silva,

O fenômeno social população em situação de rua constitui uma síntese de múltiplas determinações, cujas características, mesmo com variações históricas, o tornam um elemento de extraordinária relevância na composição da pobreza nas sociedades capitalistas. (SILVA, 2009, p.91)

Para superar o capitalismo, todavia, faz-se necessário um trabalho crítico e dialético por meio do qual a classe trabalhadora e oprimida possa adquirir consciência de classe e reivindicar para si mesma o *status* de livre. Segundo Paulo Freire,

Não há conscientização se de sua prática não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe explorada, na luta por sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente no processo de luta. (FREIRE, 1982, p.109-110)

Em relação ao Teatro do Oprimido (TO), percebe-se que a preocupação de Augusto Boal fora a de propor um método de teatro compatível com a educação popular da pedagogia de Paulo Freire.



Seu objetivo era, por assim dizer, libertar aqueles cuja função se limitava ao lugar dos ouvintes, dos espectadores, ou seja, o lugar dos que não falam e apenas assistem ao teatro burguês. Ao perceber que essa massa espectadora e oprimida também queria falar e se expressar, Boal (BOAL, 1980) formulou um método a partir do qual os oprimidos conseguiriam representar a si mesmos e, portanto, deixariam de ser meros espectadores.

Em toda minha atividade, em tantos e tão diferentes países da América Latina, pude observar esta verdade: os públicos populares estão sobretudo interessados em experimentar, ensaiar, e se chateiam com a apresentação de espetáculos fechados. Nestes casos, tentam dialogar com os atores em ação, interromper a história, pedir explicações sem esperar “educadamente” que o espetáculo termine. Ao contrário da educação burguesa, a educação popular ajuda e estimula o espectador a fazer perguntas, a dialogar, a participar. (BOAL, 1980, p.153)

Articular teatro do oprimido e pedagogia do oprimido é fazer uso da estratégia de arte-educação, a qual pode enriquecer a prática e atuação do profissional de Serviço Social que lida com o fenômeno da população em situação de rua. Isso fica mais claro em projetos cujo objetivo é, por via da arte-educação, fazer esta população protagonizar na luta pela cidadania. Segundo Ney Wendell, coordenador da rede brasileira de arte-educadores, a arte-educação é o

Processo pedagógico que se utiliza da ferramenta artística para uma educação dedicada ao ser humano em suas habilidades criativas, suas relações emocionais, sua manifestação potencial e sua sociabilidade. Determinando-se como um facilitador para que o conteúdo aplicado seja prazeroso, lúdico e criativo, e que ocorra transformações a nível físico e psíquico integralmente. (WENDELL, 2010, apud VILLAÇA, 2014, p.8)

A estratégia da arte-educação através do teatro do oprimido e da pedagogia do oprimido torna-se, então, uma forma de incrementar e enriquecer o modo de atuação do assistente social, vide o caráter multidisciplinar da abordagem. Uma abordagem multidisciplinar como esta, portanto, possibilita uma reflexão mais profunda sobre a população em situação de rua e reconfigura as formas de atuação do assistente social sobre este fenômeno. Isso permite que tal fenômeno seja pensado à luz do Serviço Social, no entanto sem as simplificações de uma única abordagem.





Nesta perspectiva, o Serviço Social e a sua articulação com as estratégias de arte-educação (pedagogia e teatro do oprimido) lançam luz sobre a população em situação de rua como um fenômeno que deve ser abordado de modo multidisciplinar e analisado em sua complexidade. O Sarau da Cidadania, que envolveu um espetáculo a partir da oficina de confecção de máscaras e encenação de teatro popular, foi utilizado em prol da cidadania da população em situação de rua do Projeto Levanta-te e Anda, fundamentando-se em estratégias de educação popular e do Teatro do Oprimido (TO). A técnica de TO, utilizada no Sarau da Cidadania foi o Teatro-Fórum, noção oriunda do arcabouço metodológico de Augusto Boal (1996).

Na esteira do Teatro do Oprimido, também se utilizou a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, uma vez que a ideia de uma educação popular e, portanto, do povo ou para o povo articula-se com a conscientização da classe trabalhadora. Não se pode olvidar que o teatro do oprimido e a pedagogia do oprimido se debruçam sobre o mesmo objeto: a Questão Social. Articulam-se através de linguagens diferentes, entretanto com a mesma abordagem, qual seja, a histórico-crítica, de prática revolucionária marxista. O criador da poética do oprimido, por exemplo, atuou como orientador e educador da área de teatro popular em vários países da América Latina, através de projetos e planos de alfabetização, nos quais aplicou suas técnicas totalmente articuladas com a pedagogia freiriana.

A partir do que fora aqui proposto em termos de diálogo entre Serviço Social e Teatro Popular, podemos pensar a Questão Social como um problema transversal, que pode ser discutida por um assistente social, mas também por um artista crítico e revolucionário, aliás, ela pode ser apenas um pretexto para a síntese entre o cidadão assistente social e o cidadão artista. Assim, no Teatro-Fórum o assistente social pode ser o que Boal chamou de curinga e, com seus conhecimentos sobre a atual conjuntura política, fazer a mediação do espetáculo. Lembrando que todo curinga deve expressar disposição e energia para conduzir o fórum, caso contrário o objetivo será malogrado. Para Boal (2007), alguns curingas

Têm a tendência de se diluir na plateia (*sic*), sentando-se ao lado dos demais espectadores – isso pode ser desmobilizante. Outros, com o próprio corpo revelam dúvida, indecisão e até timidez. [...] Se o curinga em cena está cansado ou desorientado, sua cansada e desorientada imagem será transmitida aos espect-atores. Se, pelo contrário, o curinga está atento, dinâmico, também esse dinamismo não deve significar ser impositivo! (BOAL, 2007, p. 332)



A síntese entre o Serviço Social e o Teatro-Fórum é um projeto cuja proposta empenha-se em modificar a realidade social. Por isso, o Sarau da Cidadania fora um lugar em que se ensaiou para transformar, revolucionar. Idealizado por uma aluna do curso de Serviço Social durante a disciplina de Estágio, o Sarau da Cidadania foi uma proposta cultural-educativa baseada nas realizações do Grupo A Pombagem. Na verdade, a autora da proposta é integrante do referido grupo e, por isso mesmo, decidiu fazer estágio com a população em situação de rua, fenômeno com o qual já lidava enquanto artista de teatro popular de rua.

Nascido em 2009 na periferia de Salvador, o Grupo de Arte Popular A Pombagem é um coletivo que realizava saraus de poesia na periferia de Salvador. Como seus integrantes vendiam os livretos no Porto da Barra, onde vomitavam a realidade de suas comunidades, eram muitas vezes chamados de “pombos sujos” pelos frequentadores e moradores locais. Foi daí que surgiu o nome *A Pombagem*, como uma ressignificação da estigmatização social. Inspirados no que eles chamavam e chamam de arte marginal, seus integrantes transformaram seus versos em dramaturgia e começaram a apresentar espetáculos de teatro de rua.

O espetáculo carro-chefe do Grupo A Pombagem é “Pedro Bala entre a Pedra e a Bala”, uma releitura da obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado, na forma de teatro de rua, onde o texto e o contexto revelam contradições sociais e políticas das cidades brasileiras, de Salvador a Rio de Janeiro. “Pedro Bala entre a Pedra e a Bala” quer apresentar a realidade social do país à luz de questões que estão em debate nas periferias e comunidades populares, provocando reflexões sobre o que está por trás de um cotidiano sistemático de chacinas negras. Além de bairros do subúrbio e da periferia, este espetáculo foi apresentado em dois locais de concentração de pessoas em situação de rua: Praça das Mãos e Terminal do Aquidabã.

Em um destes locais, a aluna do curso de Serviço Social teve um *insight* e decidiu levar a questão da população em situação de rua para a disciplina de Estágio. Ao participar do Projeto Levante e Anda ficou claro que seria necessário criar um vínculo de pertença com os acolhidos. A maneira com que ocorreu essa aproximação foi através de uma turma de estudantes da UFBA, que na época realizava atividades educativas e artísticas no Projeto. As estudantes da UFBA promoviam atividades como exercícios de português, matemática e oficinas de desenho. Foram nestas atividades que a proponente achou importante se inserir para fazer o primeiro contato.



A partir dessas atividades houve uma boa aproximação e se intensificou na medida que se mostrava fundamental a participação mais ativa na rotina dos acolhidos. No Projeto Levanta-te e Anda, às sextas feiras, acontece um momento muito lúdico, pois é um dia em que uma boa parte dos acolhidos pega os instrumentos do Projeto para tocar, cantar, dançar e recitar. A assiduidade da aluna/proponente ali foi imprescindível nesse processo. Como dito, a sexta-feira é um dia voltado às práticas lúdicas, uma tarde de lazer onde os acolhidos escolhiam livremente o que queriam fazer. Alguns deles assistiam televisão, outros optavam pelos jogos educativos e no final da tarde todos se juntavam para tocar um samba, a fim de promover uma integração entre todos os presentes.

Após a disciplina de Estágio passou-se para a disciplina de Pesquisa, cujo tema era ação cultural. A disciplina de Pesquisa consistiu na realização de entrevistas com os acolhidos do Projeto Levanta-te e Anda, onde se percebeu que a maioria deles tinha uma sensibilidade para as artes. Foi daí que se tirou a ideia de um sarau que pudesse resgatar a autoestima e a cidadania, a fim de que eles se reconhecessem socialmente enquanto sujeitos, cidadãos de fato. A partir da experiência da disciplina de Estágio e também com a entrevista da disciplina de Pesquisa, deu-se o processo de construção do Sarau da Cidadania.

Inicialmente a autora da proposta fez uma explanação sobre o que seria o Sarau da Cidadania, e também sobre o conceito de Cidadania. A proposta do Sarau, que era uma oficina de confecção de máscaras e a apresentação de um espetáculo, fora dividida em cinco momentos. No primeiro momento, cada acolhido recebeu uma grande quantidade de jornal para cortar em pequenos pedaços. Esses jornais ficaram em uma bacia cheia d'água por vários dias, aos cuidados de um dos acolhidos, porém este não participou dos demais processos e etapas. Ele já não se encontrava no projeto porque conseguiu um emprego de carteira assinada e conquistou a sua própria residência. Ainda no primeiro momento, depois de alguns dias na água, esses jornais foram espremidos e misturados a três quilos de goma formando uma massa rígida e facilitando a construção das máscaras.

No segundo momento, cada acolhido recebeu uma porção de massa rígida para construir sua própria máscara. Após a produção das máscaras, ainda bastante úmidas, os acolhidos colocaram para secar. No terceiro momento, com as máscaras já secas, iniciou-se a etapa de cortar revistas com o processo de *papietagem*, que é uma técnica artesanal usada para dar mais fixidez aos





objetos, e posteriormente houve a pintura das máscaras. No quarto momento era a etapa de pintar as máscaras, porém, antes de iniciar a oficina, a aluna/proponente/curinga, fez uma pergunta aos acolhidos. A pergunta era a seguinte: como vocês acham que a sociedade vê vocês, ou seja, como a sociedade os vê? Assim os acolhidos pintaram as máscaras tendo em vista como a sociedade pinta eles no dia a dia.

Enfim chegamos ao quinto momento, a última etapa da proposta, o dia da culminância. O Sarau da Cidadania seria o verdadeiro ensaio onde o teatro se faria presente. Cada acolhido ficou deitado no chão, cada qual em seu papelão, assim como ficam nas ruas, todos com as máscaras no rosto. A assistente social do Projeto, o psicólogo, uma estagiária e uma ex-moradora de rua, que hoje é funcionária do projeto, passaram pelos acolhidos fazendo o papel da sociedade, dizendo que eles eram “sacizeiros”, marginais, malucos e vagabundos. Os mais diversos profissionais do Projeto passaram pelos acolhidos, xingando-os e aviltando-os de várias formas – como normalmente se vê nas ruas de Salvador.

Depois desta cena, onde a sociedade passa proferindo ofensas, a aluna/proponente, que agora é curinga, adentra o espaço, onde eles estão deitados, e recita um trecho da canção “Sem Parar”, de Gabriel Pensador. Neste momento os acolhidos levantam, mas ainda estão com a máscara no rosto. A curinga fica diante de cada um deles e faz a seguinte pergunta: “Quando a máscara caí, quem é você?”. Cada um, na sua vez, foram tirando a máscara, jogando no chão e dizendo seu nome, onde moravam antes de ficar em situação de rua, falavam das suas profissões, de suas famílias, das discriminações que vivem nas ruas, do desejo de mudar de vida. A maioria deles dizia que a sociedade os vê como quem já morreu para o mundo, como ladrão, maconheiro, marginal, estuprador.

É aí que os acolhidos protagonizam a sua história. Feita então uma roda de conversa, cada um conta a sua história, recita sua narrativa, declama sua poesia, encena seu teatro. Todas e todos ali presentes falaram, choraram, tiraram de seu íntimo o que havia de mais real e visceral em suas vidas. E todas as pessoas ali ouvintes enxergaram as pessoas humanas, os seres humanos que estavam falando mas que, geralmente, não são escutados. A sociedade, interpretada pelos funcionários do Projeto Levanta-te e Anda, era como uma vergonha para a existência humana. E os indivíduos em situação de rua acolhidos no Projeto acolheram a si mesmos, deixando de ser meros espectadores. Agora eram tudo menos qualquer coisa.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do método de Augusto Boal e Paulo Freire, viu-se o potencial que o Serviço Social carrega em termos de teatro e pedagogia revolucionários, fomentando e criando estratégias cada vez mais capazes de reivindicar a cidadania. Na rua, a (in) visibilidade das pessoas em situação de rua é tamanha. Contudo, é visível o conjunto de dramas sociais ao qual estão submetidas aquelas pessoas. É racismo, sexismo, machismo e violência de toda ordem. Aqui, na perspectiva deste trabalho, tudo isso é atravessado pelo sistema capitalista. Para reverter isso, então, podemos viver uma experiência de teatro popular, assim como Boal lá no Peru, uma vez que, primeiramente, é indiscutível a importância do teatro popular enquanto linguagem mobilizadora da cidadania e, em segundo lugar, sua contribuição nos processos educativos elucida estratégias metodológicas cuja finalidade tem como objeto a transformação da sociedade ou algum aspecto dela. Em síntese, a arte é libertadora.

REFERÊNCIAS

- » BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- » _____. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- » _____. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 7ª Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.
- » _____. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- » BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Guia de Atuação Ministerial: defesa dos direitos das pessoas em situação de rua**. Brasília, DF, 2015.



- » BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federal do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- » BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Pesquisa estima que o Brasil tem 101 mil moradores de rua**. 2017. Disponível em:<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=2_9303>. Acesso em: 15 de set. 2018.
- » FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.
- » _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra. São Paulo, 1996.
- » _____. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- » GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1989.
- » IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- » MARX, Karl (1988). **O Capital**. Livro 1. Volume I. Tradução: Reginaldo Sant'anna. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. (Obra original publicada em 1867).
- » SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Trabalho e População em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.
- » VILLAÇA, Iara de Carvalho. **Arte Educação: a Arte como metodologia educativa**. Cairu em Revista. Ano 03, nº 04, p. 74-85, Jul/Ago, 2014.

